



MR 024. Riscos, impasses e possibilidades do fazer antropológico em tempos sombrios

Guilherme Rodrigues Passamani (UFMS) - Coordenador/a, Jurema Gorski Brites (Universidade Federal de Santa Maria) - Debatedor/a, Sandro José da Silva (UFES) - Participante, Otávio Guilherme Cardoso Alves Velho (Museu Nacional - PPGAS) - Participante, Sônia Weidner Maluf (PPGAS/UFSC) - Participante

A história da Antropologia é marcada pelo comprometimento da disciplina com causas diversas. Algumas bastante controversas. No caso da Antropologia brasileira, algumas muito salutares. Essa MR propõe debater, a partir dos acontecimentos que marcaram o Brasil em 2016, um pouco dessa movimentação de aparente retrocesso e novidades incômodas. A partir de trajetórias acadêmicas que se encontram em diferentes momentos, destacaremos como a história na Antropologia no Brasil é tecida por meio de um fazer científico comprometido com as populações estudadas e, em geral, em situações de risco político, de apagamento e de vulnerabilidades inúmeras. Há situações sintomáticas do perigo representado pela Antropologia no país ao se colocar ao lado daqueles que, embora compondo a maioria demográfica no campo e na cidade, ainda representam um enorme contingente de minorias sociais sujeitas a ausências de todos os âmbitos. Essa MR, então, refletir sobre a antropologia política do golpe, as fronteiras agrárias e religiosas hoje, as transformações nas relações com o trabalhado doméstico, a partir de questões étnico-raciais e de gênero, que algumas vezes, com novas roupagens, tentam desconstruir esse saber acumulado ao longo de mais de um século de Antropologia no Brasil.

A Antropologia, as antinomias do real e a postura e instrumental para enfrentar (novos) tempos sombrios ou eventualmente claro-escuros

Autoria: Otávio Guilherme Cardoso Alves Velho

Os antropólogos, tal como o conjunto da sociedade brasileira, não podemos deixar de estar perturbados com a situação do país. Mas as perturbações não são necessariamente do mesmo tipo, nem conduzem necessariamente ao imobilismo. Creio que entre os antropólogos cabe uma reflexão coletiva - que em parte é uma rememoração - para enfrentarmos os atuais riscos, impasses e possibilidades. A rememoração parece necessária entre outros motivos para reafirmar uma postura hoje consolidada na nossa disciplina; qual seja a recusa a uma perspectiva evolucionista, esta sim, em tais tempos sombrios podendo levar à perplexidade. Também parece fundamental esta rememoração para recordar as categorias que desenvolvemos em tempos anteriores e avaliar o seu potencial hoje, bem como para prosseguir nosso esforço teórico e refletir sobre as condições de work de então vistas a partir do nosso presente.



Realização:



Apoio:



Organização:

